

Orgasmos múltiplos

Estive pensando em respostas que fossem da mesma grandeza do 'Deus te abençoe'

Antonio Prata

Folha de S. Paulo, 5.out.2024

• • Não sei quando, exatamente, começou, mas agora é geral. Deus, outrora inalcançável nas alturas celestes, foi trazido pra vida pedestre e virou cumprimento. "Obrigado", eu digo e: "[Deus te abençoe](#)". "Boa tarde", eu digo e: "fica com Deus". Sou grato aos meus generosos interlocutores, mas, infelizmente, diante de votos tão grandiosos, eu não fico com o Todo-poderoso, fico é meio embaraçado.

Eu não creio em Deus e nem, como escreveu [Campos de Carvalho](#), creio que ele creia em mim. Não me levem a mal os leitores religiosos. Se eu pudesse escolher, acreditaria. Rezaria e comungaria como se não houvesse amanhã. Até porque para nós, ateus, realmente não há. Morreu, já era. Saímos da vida para entrar não na história, como Getúlio, mas na tabela periódica, sem direito a um mísero purgatório. É uma péssima perspectiva.

Um ser superior olhando por mim e que, no fim da vida, caso eu não o desapontasse, me agraciasse com uma eternidade num paraíso é uma ideia bem sedutora. Infelizmente a fé, assim como gostar de sashimi ou de cachorros, é algo que vem de berço: ou a gente aprende pequenininho ou nunca mais. Fui exposto cedo ao [bairro da Liberdade](#), mas não à Bíblia ou ao Petz, de modo que minhas papilas gustativas, físicas e metafísicas, se dão melhor com peixe cru do que com a hóstia ou Bobby, Lulu, Snoopy, Rex, Rin tin tin.

Embora ateu, não sou desses que zombam da fé alheia, como o biólogo [Richard Dawkins](#), que viajava o mundo dando palestras de deseangelização. Acho essa pauta meio boboca. Os ateus são tão crentes quanto os crentes, só botam a fé em entidades seculares. Crer em Javé, Alá ou em Olorum não me parece mais ou menos aleatório do que achar que vestir um jacaré ou um jogador de polo sobre o peito esquerdo fará de nós seres humanos mais valiosos. Pensando bem, sou bem mais Deus do que o jacarezinho ou o cavaleirão.

É justamente por respeitar a fé alheia que fico meio atordoado quando me dizem "Deus te abençoe". O cidadão está me oferecendo o que de mais precioso ele tem. A [bênção](#) ou a presença de um ser sobrenatural que pode me salvar de um atropelamento, limpar minhas coronárias, trazer felicidade ou vida eterna: eu vou responder com "bom fim de semana?". É muito mixo.

Estive pensando em respostas que, respeitando as minhas crenças, fossem da mesma grandeza. "Deus te abençoe", diz a pessoa. Eu respondo: "[Orgasmos múltiplos](#), amigão". "Fica com Deus", me deseja o sujeito. "Colesterol baixo, querido!". "Que Deus esteja com você!". E eu: "Só série A pro seu time, parceiro!". Não, não parece que agradaria.

Foi então que, outro dia, trabalhando com cariocas, fui introduzido a uma nova forma de tratamento. Na infinita inflação de afeto que o povo do Rio aplica sobre a linguagem, depois de "amigo", "querido" e "amado", chegou-se a essa pérola sergiobuarqueana: "consagrado". Você entra na padaria, pede uma Coca e o cara te responde: "taí, meu consagrado!".

"Consagrado", segundo o dicionário, é o "que se tornou sagrado ou recebeu consagração". É um abençoado por Deus. Pronto. Tá resolvido. A pessoa me diz "fica com Deus!" e eu respondo "tudo de bom, meu consagrado!". Ela deseja que Deus se aproxime e eu já dei a ela 100% de aprovação divina. Sem blasfêmia, porque tô só manejando a gíria popular. Fico mais tranquilo, nem em dívida, nem herege. Por hoje é só, pessoal. Desejando orgasmos múltiplos, [colesterol baixo](#) e só [série A](#), meus consagrados.